

Recuperação de um texto de Francisco de Moraes: *Relação das festas que Francisco I fez das bodas do Duque de Clèves com a Princesa de Navarra no ano de 1541*¹

Aurelio Vargas Díaz-Toledo

Universidad Complutense de Madrid
Centro de Estudios Cervantinos

A continuação pretendemos dar a conhecer um documento desaparecido do século XVI e cujo conteúdo ajuda a compreender a maquinaria de uma das cortes europeias mais poderosas de quinhentos, a da França de Francisco I. A originalidade do texto radica no facto de o seu autor, Francisco de Moraes, nos mostrar, como testemunha fidedigna e secretário do embaixador português Francisco de Noronha, uma perspectiva pessoal dos importantes acontecimentos decorridos ali durante a primeira metade de 1541. Além disso, as festas cavaleirescas que contempla com o motivo do casamento entre o duque de Clèves e a princesa de Navarra fornecem dados fundamentais para analisar a confecção do melhor livro de cavalaria do século XVI: o seu *Palmeirim de Inglaterra*.

Embora pareça contraditório, esta descoberta teve a sua origem num trabalho de investigação realizado em Roma, cuja finalidade consistia, basicamente, em tentar localizar exemplares de livros de cavalaria castelhanos e portugueses. Mas cedo percebemos que a nossa pesquisa não ia obter os resultados desejados. Perante esta desesperação, e já fruindo dos nossos últimos dias na cidade eterna, decidimos folhear as centenas e centenas de catálogos bibliográficos que se achavam em livre acesso nas estantes da Biblioteca Vaticana. Foi assim que caiu nas nossas mãos um dos catálogos de miscelâneas manuscritas da *Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, a maioria dos quais não apresentava nenhum índice, nem por autor nem por matéria, de tal maneira que era preciso consultar todas as entradas uma a uma. Ora bem, no decurso deste fatigante trabalho demos com a seguinte referência: *Carta que fran^{co}. de Morais criado do Conde de Linhares, lhe Enviou do Reino de França onde Estava com D. fran.^{co} seo filho quando foi por EmBaixador delRey D. João o*

1. Este trabalho contou com o apoio da *Biblioteca Nacional de Lisboa-Fundação Calouste Gulbenkian para Investigadores de Países Europeus, em especial oriundos do Leste da Europa*, para realizar o projecto «Livros de cavalaria manuscritos: recuperação de um património bibliográfico», sob o programa *BibProj, Programa de Bolsas de Investigação*. Para o desenvolvimento deste artigo também nos foi de grande ajuda a bolsa de «Formación de Personal Investigador de la Comunidad Autónoma de Madrid». Agradecemos a Carmen Vaquero Serrano a sua ajuda na decifração das difíceis letras latinas. Também Isabel Almeida nos prestou o seu tempo na correcção do nosso português.

3º, *nosso senhor* (fls. 131). Nesta carta vêm cópias da sentença que condenou o Almirante de França e do perdão que o rei concedeu ao mesmo².

No início, esta notícia não manifestava nada de especial, senão que parecia tratar-se de uma missiva semelhante àquela que Francisco de Moraes tinha enviado para o mesmo conde de Linhares, de Melun, com data de 10 de Dezembro de 1541³. Só restava fazer-se com a cópia para esclarecer esta questão. Deste modo, depois de uma longa e intensa demora, quando por fim conseguimos uma digitalização pudemos confirmar que, na realidade, estávamos perante a única obra perdida de Moraes das várias que tradicionalmente se lhe foram atribuindo nos distintos repertórios bibliográficos. Estamos a falar da *Relação das festas que Francisco I fez das bodas do Duque de Clèves com a princesa de Navarra no ano de 1541*, uma obra que, segundo veremos em seguida, vem esclarecer alguns aspectos sobre um dos escritores mais importantes da literatura portuguesa do século XVI, junto de Gil Vicente e Luís de Camões.

Sobre a sua autoria não há qualquer dúvida de que pertence a Francisco de Moraes. O bibliógrafo João Franco Barreto foi o primeiro a documentar esta obrinha e a atribuí-la a Moraes na sua *Bibliotheca Lusitana*, descrevendo-a da maneira seguinte: *Outra [relação] das festas que El Rei Fran^{co}. de França fes em sete Larão nas Bodas do Duque de Cleues, com a Princeza de Nauarra, Anno de 1541*⁴. Esta entrada foi mais tarde recolhida, sem incorporar nenhum outro comentário, pelos bibliófilos Barbosa Machado⁵ e Sousa Farinha⁶. A esta tradição bibliográfica temos de somar o facto de o nome do autor figurar no cabeçalho da carta. Além disso, não só os dados biográficos de Moraes se ajustam perfeitamente a quanto se lê no texto, mas também quase uma década depois, ele próprio confessa ter presenciado as festas celebradas em 1541 por ocasião do enlace entre o duque de Clèves e a princesa de Navarra, pelo menos isso é o que se depreende da *Carta q f^{co} de Moraes emviou A Rainha de França em q lhe escreue os torneos E festa q se fez em enxabregas, ano de 1550*:

(...) que afirmãdo a V. A. que a que se fez em exaltario nas grandes festas que elRey frrco que esta em gloria fez na çelebração do casamêto do duque de cleues e prinçesa de nauarra, onde elRei que ora hee sendo dalfim defendia ho passo cõ seus caualeiros, lhe nã fez nhũa ventagem, por que ajnda que a outra fosse em floresta, onde os aruoredos sem nhũa composição manual faziam marauilhosamente seu ofiçio, e estoutra em artefiçio teue tanta graça e daua tanto contentamêto aos olhos que não sei qual preçedesse⁷.

Afigura-se verosímil pensar que se Moraes compara os dois passos de armas com tantos detalhes, o que defendeu o Delfim francês junto dos seus cavaleiros em *Châtellerault* com o defendido em Xabregas, isso só pode significar que assistiu a ambos.

Esclarecido o aspecto da autoria, precisava-se situar o documento dentro da vida e obra de Francisco de Moraes. Um dado biográfico bem conhecido daqueles que se aproximaram das andanças

2. J. da Providência COSTA, «Catálogo de manuscritos (códices 556 a 630)», Coimbra, Biblioteca da Universidade, no *Boletim da Biblioteca da Universidade (Suplemento ao vol. XII)*, 1935, 19.

3. Teófilo BRAGA, «Reivindicação do *Palmeirim de Inglaterra*», em *Questões de literatura e arte portuguesa*, Lisboa, A. J. P. Lopes, 1881, 248-58.

4. João Franco BARRETO, *Bibliotheca Lusitana*, Cópia manuscrita da Biblioteca Nacional de Lisboa, B 1206-1211, vol. III, fols. 467v.

5. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica, etc.*, Lisboa Occidental, 1741-1759, 4 vols. Coimbra, Atlântida Editora, 1965, vol. II, 209.

6. Bento José de Sousa FARINHA, *Sumário da Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Of. de António Gomez, 1786-88, 4 vols. Vol. 4, 130.

7. Citamos a partir do manuscrito da Real Academia da História de Madrid: Col. Salazar e Castro, 9/1081, fols. 62-73. Sobre a descoberta deste códice publicaremos em breve uma notícia.

do autor do *Palmeirim de Inglaterra* é a sua estadia na corte francesa em, pelo menos, duas ocasiões: a primeira dos finais de 1540 até princípios de 1544, e a segunda de 1547 até Julho do ano seguinte⁸. Em ambas teve de enfrentar situações difíceis devido, sobretudo, às grandes mudanças políticas que se estavam processando nesses momentos em França. Na primeira ocasião, Moraes ia como secretário do embaixador Francisco de Noronha, filho do conde de Linhares, cuja missão consistia em tornar as relações entre França e Portugal mais amáveis, já que estavam a crispar-se por causa de dois factos fundamentais: o primeiro deles consistia na acção dos corsários franceses sobre as naus e os comerciantes portugueses. O próprio monarca francês tinha concedido, a 27 de Julho de 1531, uma patente de corso ao temido piloto Jean Anjo pela qual se lhe permitia apoderar-se não só dos bens dessas embarcações senão também das suas cargas de ouro e prata. O tratado de Lyon, de 14 de Julho de 1536, assinado entre as duas coroas, trouxe anos de relativa paz marítima, mas a situação foi perturbada por outros factores não menos importantes: por um lado, a guerra entre a França e o Império; pelo outro, as alianças matrimoniais de João III e Carlos V, as quais estavam a causar um crescente mal-estar junto de Francisco I, fervente inimigo do imperador⁹. Ainda assim, a 12 de Novembro de 1543 o futuro Filipe II casará com Maria Manuela de Portugal, cujo quantioso dote ajudaria Carlos V a ultrapassar o desastre da armada imperial em Argel, no verão de 1541. É ao redor deste marco político que devemos situar o texto apresentado linhas mais abaixo.

Na sua segunda visita a terras francesas, Moraes voltou a acompanhar o filho de António de Noronha para assinar um acordo entre ambas as nações sobre as presas marítimas, isto é, ambos iam na qualidade de enviados extraordinários, e não como embaixadores, pois já o era o bispo de Tânger. Ao mesmo tempo, dispunham-se a dar os pêsames ao novo rei Henrique II de França pela morte do seu pai, acontecida a 31 de Março de 1547 e a propósito da qual se realizaram umas magníficas exéquias entre 21 e 23 de Maio. Moraes, que assistiu a elas, narrou-as mais tarde na sua *Relação das exéquias de Francisco de Valoys I do nome rey de França em 1546*¹⁰.

Como assinalamos, a redacção desta carta situa-se em torno da primeira visita a França do autor do *Palmeirim*. Enviando-a ao conde de Linhares, Moraes pretendia informá-lo do sucedido na corte francesa desde a última vez que lhe tinha escrito. Pelos vistos, na sua anterior missiva tinha-lhe contado o acolhimento concedido pelo rei francês ao seu filho Francisco, bem como muitas outras novas relacionadas com o mundo cortesão. Perante a escassez de notícias e o desejo de saber mais sobre um dos centros de poder mais importantes da Europa, o conde tinha-se mostrado queixoso pelo facto de Moraes não ter sido mais extenso nos seus informes, pelo qual dispunha-se a emendar-se e a relatar em pormenor grande quantidade de sucessos acontecidos durante o primeiro semestre do agitado ano de 1541.

Para nos situarmos no contexto da carta precisamos de oferecer outras pinceladas sobre a situação política do momento. Muitas delas integram o conteúdo da mesma. A 7 de Outubro de 1539, Carlos V tinha decidido atravessar a França ante a insistente solicitação de Francisco I e a urgência da viagem, já que Gante, a sua cidade natal, se tinha revoltado contra Maria de Hungria, governadora dos Países Baixos, como consequência dos impostos exigidos no ano de 1537. Na sua travessia o imperador cruzou Navarra e começou a pensar nos benefícios de casar o seu filho Filipe com a herdeira

8 Para acrescentar os dados biográficos sobre Francisco de Moraes veja-se o nosso trabalho Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO (ed.), *Palmerín de Inglaterra (Toledo, berederos de Fernando de Santa Catalina, 1547)*, de Francisco de Moraes, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006.

9. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Portugal en el mundo. Un itinerario de dimensión universal*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992, 163.

10. Existe uma edição moderna em António Dias MIGUEL, *Un inédit attribué à Francisco de Moraes: les «Exéquias de Francisco de Valois... rey de França»*, Lisboa, Livraria Bertrand. Tomado do *Bulletin des Études Portugaises*, tome XVIII, 1955.

desse reino, Jeanne d'Albret, enlace em que se empenhava o pai da potencial noiva. Assim, Carlos V começou a mexer os fios para ter sucesso neste negócio. Mas cedo o monarca francês se apercebeu dos possíveis efeitos derivados deste matrimônio e não se manteve de braços cruzados.

No entanto, através do tratado de aliança, assinado a 13 de Outubro de 1534 com o rei de França, Charles d'Egmont, *duc de Gueldre*, devia ceder-lhe os seus estados –as cidades de *Ruremonde*, *Nimègue*, *Arnheim*, *Zutphen* e *Groningue*– no hipotético caso de ele morrer sem descendência. Porém, este acordo desagradou de tal modo ao seu povo que foi obrigado a abdicar a favor do seu sobrinho Guillaume de la Marck, que já era *duc de Clèves* e de *Juliers* pela parte do seu pai e mãe, respectivamente. Esta situação conduziu Francisco I a aproximar-se deste último porque era católico e podia suavizar a política francesa na Alemanha, à qual se acusava de favorecer os hereges. Com esta intenção, a 16 de Julho de 1540, assinou-se um contrato de casamento entre o *duc de Clèves* e Jeanne d'Albret para garantir as suas relações, associação que teve a sua continuidade a 17 de Janeiro do ano seguinte, quando ambos os interessados assinaram um tratado de aliança defensiva, ao qual aderiram depois o eleitor de Saxónia, o *landgrave* de Hesse e o rei de Dinamarca.

Na opinião de Carlos V esta união supunha a ruptura do Tratado de Nicea rubricado após o final da terceira guerra entre a França e o Império, em 1538, sob os auspícios do papa Paulo III. Por isso apressou-se a investir o seu filho Filipe como duque de Milão a 11 de Outubro de 1540, uma terra por que nunca deixou de suspirar Francisco I e causa de mais do que um confronto bélico entre ambos os estados¹¹. «E sendo couza este casamento que el-Rei [de França] dizem que negociou com toda a eficácia que pôde» (f. 133r), como diz Moraes, aparelhou-se a efectuá-lo quanto antes, porque neste assunto «parese que emcontra ao Imperador e arma meter na coroa as terras que agora pesue el-Rei de Navarra» (f. 133v).

Entanto, no seio da corte francesa, o Almirante Philippe Chabot de Brion caía em desgraça de forma oficial a 8 de Fevereiro de 1541 (f. 132r), sendo encerrado na torre de Vincennes. Ao que parece, Chabot não só tinha tirado proveito próprio do seu cargo de governador de Borgonha, mas além disso tinha exigido ao corsário Anjo um quarto de tudo aquilo que roubasse às naus portuguesas¹². Não obstante, a sua desventura não durou muito tempo. A 17 de Março do mesmo ano recebia perdão real, voltando a gozar dos seus bens a partir do mês de Abril (f. 132r). Esta recuperação do favor régio por parte do Almirante supunha, ao mesmo tempo, a queda do Condestável de França, Anne de Montmorency, o qual «no mesmo dia em que o Almirante entrou (...), o Condestable e o Gram Mestre de França fica de todo fora da graça real, e (...) dahí a des dias se despedio o Condestable pelo não lançarem e se foi às suas terras» (f. 133r), em Chantilly.

Semanas depois, a 5 de Maio de 1541, chegava o *duc de Clèves* a *Amboise* acompanhado do *duc de Nevers* e de Longueval, disposto a materializar o casamento. Em sua honra, segundo conta Moraes, celebrou-se uma festa extraordinária, baseada numa torre de madeira que deviam proteger uns quantos cavaleiros de um número indeterminado de assaltantes (f. 136v). Aos quinze dias entrava solenemente em *Châtellerault*, a 30 quilómetros de *Poitiers*, castelo onde se celebraria o enlace matrimonial, e «antes que se fisese o casamento, que pasarião vinte e cinco dias, ouve todas as noites serones, que na verdade não podem chamar festa por serem mui gerais» (f. 133r). Mas de súbito surgiu um imprevisto: a negativa de Jeanne d'Albret em cumprir os desejos do soberano. A jovem princesa tinha nascido em 1529 e só contava 12 anos de idade. Era a filha de Marguerite d'Angoulême, irmã de Francisco I, e de Henri d'Albret, ambos reis de Navarra, e, portanto, herdeira de um reino muito

11. Manuel FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, *Carlos V, el César y el Hombre*, Madrid, Círculo de Lectores, 2001, 623-662.

12. Jean JACQUART, *François Ier*, Paris, Fayard, 2003, 385.

apetecível estrategicamente. O seu pai ainda sonhava casar a sua primogénita com o futuro Filipe II de Espanha, um enlace que lhe traria uns pingues benefícios económicos assim como o reconhecimento do seu ansiado território, perdido em 1512 perante as tropas de Fernando o Católico. Jeanne tinha-se convertido numa peça de xadrez nas mãos do seu tio e do seu pai. Devido a isso podia dizer-se, nas palavras do poeta Clément Marot, que a princesa de Navarra era «la mignonne de deux rois»¹³. Contudo, Francisco I tinha-o decidido e não tardou a convencê-la do contrário, e «como el-Rei de França fas tudo o que quer, em seo reino hé absoluto: não há contradiser-lhe couza de sua vontade» (f. 133v). Mas desconfiando do sucesso desta operação, no contrato de matrimónio estipulava-se que, se não se chegasse a consumir, um simples protesto da princesa bastaria para anular o consórcio, como sucedeu: na véspera e no mesmo dia do casamento, Jeanne escreveu sendas cartas de protesto. Com base nelas, e como houve numerosas testemunhas da não consumação do acto matrimonial, o papa Paulo III anulá-lo-ia no dia 12 de Outubro de 1545.

Superado este contratempo, o casamento realizou-se finalmente a 14 de Junho de 1541. A missa foi celebrada pelo bispo de Sisteron e presidida pelo cardeal de Tournon. Segundo Alphonse de Ruble, o investigador que mais por extenso tratou o tema, a ela assistiram os embaixadores do Papa, de Inglaterra, Portugal, Veneza, Saxónia, Ferrara e Mântua¹⁴. Durante a cerimónia, o rei vexou o condestável Montmorency ordenando-lhe «de prendre sa petite niepce au col et de la porter à l'autel»¹⁵, o que significava a sua definitiva queda em desgraça. Deste sucesso não fala Moraes. No almoço estiveram presentes todos os embaixadores, «excepté celui de Portugal, qui s'était retiré après la cérémonie religieuse, et celui de l'empereur, qui n'avait pas paru»¹⁶. Após o banquete, tiveram lugar sucessivamente o baile, o jantar e umas novas danças, estas últimas interrompidas por uma série de momos ou mascaradas representados por homens disfarçados, que chamam a atenção de um surpreendido Moraes¹⁷ (f. 136v).

À noite, Francisco I obrigou os recém-casados a permanecer num quarto diante de várias testemunhas, incumbidas de verificarem se o matrimónio chegava a consumir-se ou não. Em palavras de Bordenave, historiador oficial de Jeanne d'Albret: «Le soir, l'espous fut mené en la chambre et au liet de l'espousée (...) en la présence de l'oncle et des père et mère de la fille et de tous les plus grands seigneurs et dames de la cour»¹⁸. Então, o rei fez sair os presentes, «excepté le roi et la reine de Navarre, madame d'Estampes, la grande maîtresse de cour, Louis, Monseigneur de Nevers et deux gentilhommes du duc»¹⁹. Vejamos, não obstante, qual é a visão do escritor português:

A noite do mesmo dia os lançarão na cama e est<a>[e]v<a>[e] o Duque com sua molher por espaço de huã hora e meia, em o qual tempo esteve sempre el-Rei e a Rainha de Navarra, Madama de Tampus e o Cardeal presentes (...); achão que aquela hé huã maneira de comsumar o matrimónio sem verdadeiro efeito, e achão que todas aquelas seremónias se fiserão ya mais comfirmação do cazamento, e hé que lhe ponhão este nome porque nenhuã se fas que ainda depois a tenha por certa e segura, quanto mais este cazamento, a que achão mil imcomvenientes para sempre o duvidarem, e comfeção que a nenhuã das partes vem bem (f. 133v).

13. Nancy Lyman ROELKER, *Queen of Navarre Jeanne d'Albret 1528-1572*, Cambridge (Massachusetts), The Belknap Press of Harvard University Press, 1968, 38.

14. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Le mariage de Jeanne d'Albret*, Paris, Nogent-le-Rotou, J. a cargo de G. Daupeley, 1877, 117.

15. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 117.

16. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 118.

17. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 119.

18. Nicolas de BORDENAVE, *Histoire de Béarn et Navarre*, Paris, Renouard, édition de la *Société de l'Histoire de France*, 1873, 39.

19. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 120.

Os dias posteriores às núpcias transbordaram de justas, torneios e um variado leque de divertimentos cortesãos. Um deles sobressaiu por cima do resto e baseou-se numa prova cavaleiresca realizada nos arredores da vila, no meio de uma floresta, em imitação das aventuras lidas então em livros de cavalarias como o *Amadis de Gaula*, um texto que se tinha começado a traduzir, justamente, em 1540 e cuja influência nos meios cortesãos franceses estava a ser notável. O autor da tradução, feita a pedido do próprio Francisco I, foi o picardo Nicolas Herberay des Essarts, quem adaptou a obra ao espírito da nobreza e da burguesia francesa. O tradutor francês só pôde trasladar os oito primeiros livros de 1540 até 1548²⁰. Continuando a versão de Ruble, que assinala este episódio no dia 17 de Junho, o Delfim, o *duc d'Orléans*, o *duc de Nevers* e o *comte d'Aumale* estabeleceram-se num passo de armas onde construíram cada um, na floresta, um padrão pintado com as suas respectivas cores, situando ao pé dos mesmos os seus escudos. Nestes tinham escrito umas letras pelas quais se desafiava todo cavaleiro andante que se aproximasse dali. O padrão do futuro Henrique II levava as cores de viúva de Diana de Poitiers, com bandas brancas e pretas –segundo Francisco de Moraes, os seus tons eram verdes e brancos–, e saiu vitorioso dos seus adversários. Pelo mesmo campo encontravam-se alguns ermitãos de carne e osso prontos para curar os possíveis feridos. No padrão do *duc d'Orléans* estavam escritos uns versos de Marot através dos quais o vale passava a chamar-se «*Val des constans amoureux*». O do *duc de Nevers* não tinha divisa, enquanto que no de *Aumale* apareciam mais versos de Marot e o mote «*nunc et semper vivat*»²¹.

A versão de Moraes não coincide com exactidão com a de Ruble. Para começar, o autor do *Palmeirim de Inglaterra*, que confessa relatar algumas coisas de cor, situa a aventura a 26 de Junho e fala de quatro vales defendidos: o primeiro protegido pelo Delfim com um padrão chamado o Vale dos Descontentes Amadores. O segundo apelidava-se o Vale dos Contentes Amadores e estava vigiado pelo *duc d'Orléans*, em cujos padrões havia até dois tipos de letras que diziam assim: «*Proculi biamory que fadesa Rut.*», e «*Nunc et semper*». No do terceiro vale, guardado pelo *duc de Nevers*, brilhava a inscrição ovidiana «*Omnia vincit amor*», entanto que o quarto, regido pelo *comte de Laval* e o *duc de Roban*, estava presidido pelos seus escudos, em cuja superfície tinham gravado as suas respectivas divisas: «*Onde te levão os teus fados*», no primeiro, e «em campo negro, huã pluma e hum “L”, e despois hu[m] “V” [e] outro “L”», no último. Seguindo Ruble, no domingo seguinte, 19 de Junho, teve lugar o último dia das festas, que se baseou em novos torneios cavaleirescos onde intervieram o rei de Navarra, o Delfim, o *duc d'Orléans*, o *duc de Clèves* e o rei em pessoa²². Que sensações não experimentaria o espírito cavaleiresco de Moraes ao ver representar perante os seus olhos tal quantidade de aventuras, tal explosão de jogos cortesãos!

Mas continuemos com a exposição. Enquanto estes eventos tinham lugar, por volta destas datas Francisco I estava a negociar uma aliança dúplice com a república de Veneza e o Grande Turco. Os encarregados destas negociações secretas eram António Rincón e César Fregoso, que foram assassinados por ordem do marquês do Vasto, governador de Milão. Este facto, somado à debilidade do Império após o fracasso de Argel no final do Verão de 1541, levaram o monarca francês a decretar a quarta guerra contra Carlos V a 12 de Julho de 1542.

Segundo se viu, e perante este cúmulo de acontecimentos, Francisco de Moraes, na sua carta, faz uma selecção e informa o conde de Linhares sobre os seguintes assuntos: em primeiro lugar, conta-lhe o desastre do Almirante Chabot de Brion e o seu regresso ao favor real, traduzindo para

20 Para mais informação sobre a relevância do *Amadis* em França, veja-se: Cathérine MAGNIEN (ed.), *Les Amadis en France au XVI siècle*, Éditions de l'École Normale Supérieure de la rue d'Ulm, Impr. France Quercy, 2000.

21 Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 121-124.

22. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 127.

português até três documentos distintos, como são o derradeiro artigo da sentença contra o Almirante, o perdão do monarca e a carta de agradecimento daquele para este último. Depois de lhe descrever o desterro do condestável Montmorency como consequência directa da decisão anterior, passa a ocupar-se em pormenor do casamento entre Guillaume de la Marck e Jeanne d'Albret, e dos festejos, torneios e justas celebrados em honra do mesmo. Por último, notifica-o da festividade comemorada em *Amboise*, a 20 de Maio de 1541, cujo motivo era a chegada do *duc de Clèves*.

Voltando ao aspecto codicológico e como apontámos, a missiva de Moraes encontra-se entre os fólios 131r-137r do manuscrito 566 da *Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, que se recolhe sob o título de *Papéis vários*. Trata-se de uma miscelânea manuscrita de textos relativos, principalmente, a assuntos políticos. Na sua maioria são cartas, embora possamos achar também tratados de aliança, notícias várias sobre outros reinos, pareceres, artigos de paz ou ainda relações de sucessos. Todos eles estão escritos em português, excepto a *Prision del Duque de Villa Ermoza, i Conde de Aranda y cómo fueron mandados degollar el justicia de Aragon j Don Juan de Luna* (f. 138v), que está em castelhano. O arco cronológico do corpus abrange de 1541 (1554), data da obra de Moraes, até 1700, ano do *Tratado feito Emtre ElRey Cristi.^{mo} de França, ElRey de gram Bretanha Eos estados gerais das Prouincias Vnidas dos Países Baxos, no anno de 1700* (f. 223), mesmo se é verdade que se inserem um *Epitaphio da Rainha Dona Phelipa, mulher del Rey D. João o p.^{ro} de Portugal, posto na sua sepultura no Conuento de S. Domingos da Batalha* (f. 140) e uma *Carta do Papa Clemente 7.^o a ElRey D. João opr.^o de Castela qu.^{do} foj desbaratado na batalha de Aljubarrota* (f. 128), cujo original é possível situar no século XIV. Segundo a informação do catálogo é um volume de 314 x 213 mm., com encadernação inteira de carneira, com cinco nervos na lombada e de uma extensão de 243 fólios. Não pudemos consultar o original nem realizar a sua descrição codicológica, algo que nos teria fornecido dados muito mais substanciais do que os que agora oferecemos. Trabalhamos, portanto, com uma digitalização que nos ministrou a própria instituição conimbricense. Apesar disso, e como podemos contemplar no fac-símile incluído no final deste artigo, pode-se apreciar como tanto a letra do documento anterior –*Carta de joane Mendes de vasconcellos p.^a. s. Mg.^{de} de 4 de Julbo de 1648* (fls. 129) –, como a do posterior –*Consertos q se fizeraõ Emtre o Duque de saõ Jerman g.^{or} das Armas do Ex.^{to} da Extremadura e o Mestre de Campo Manoel de Saldanha g.^{or} da Praça de olivença* (fls. 137) – é a mesma que a da epístola do autor do *Palmeirim*. Seguindo esta tese, podemos afirmar que a carta de Moraes não é um original, senão uma cópia do século XVII ou XVIII, e cópias devem ser igualmente os restantes documentos. Mas quais os argumentos sobre que nos apoiamos para asseverar tal? A própria missiva ajuda-nos a este respeito. O seu conteúdo narra factos acontecidos todos eles na França de 1541, de Fevereiro até aos finais do mês de Junho. Contudo, está datada do dia 27 de Junho de 1554 (f. 137r), uma data que, como vamos demonstrar, é um erro de cópia. Um dado leva-nos a datar o texto de 27 de Junho de 1541, porque no seu interior aparece o seguinte comentário: «Mas porque a festa *pasou ontem* não ouve ainda lugar para fazer inquirição tão larga» (f. 136r). A festividade a que se refere é a comemorada depois das justas e torneios celebrados na «sesta feira, a vinte e seis de Junho», dia em que «o Delfim e Monsiur d'Orliens ordenarão fora da vila (...) sertas aventuras de damas e cavaleiros andantes ao modo antigo» (f. 133v), por ocasião do enlace entre Guillaume de la Marck e Jeanne d'Albret, que se efectuou no dia 14 de Junho de 1541. Por isso, não é lógico pensar que Moraes, cuja única intenção era contar novidades da corte francesa, relate factos sucedidos treze anos antes. Perante isto, não há dúvida nenhuma de que o texto terá sido redigido originalmente no dia 27 de Junho de 1541. O ano de «1554», reproduzido neste manuscrito, devemos atribuí-lo ao copista que transcreveu o documento, o qual, devido a um *lapsus*, anotou o ano em que estava a realizar a sua transcrição, cópia a partir da qual se transmitiu esta outra que figura no manuscrito 566 da *Biblioteca*

Geral da Universidade de Coimbra, que se redigiu no século XVII ou XVIII. Em resumo: teríamos um original perdido (Ⓜ) do ano de 1541, uma cópia (α), também desaparecida, de 1554, com vários erros de transmissão, e um testemunho C (Coimbra), derivado do anterior, do século XVII-XVIII.

Além disso, outros dados internos servem-nos para corroborar o facto de não nos acharmos perante um original, já que existem deslizes atribuíveis a erros de cópia. Por exemplo, no f. 133r figura uma palavra incongruente quando se anuncia a chegada do duque de «Olesuoo», em lugar de «Cleves», que deve ser um erro de leitura do códice que estava servindo de modelo ao copista. No f. 134v aparece repetido: «não sei se acostuma <se acostuma> assi sempre», e uma palavra riscada «Monsiur de [palavra riscada: ~~João?~~] João», esta última em lugar de «Rohan», que é uma personagem relevante da corte francesa; no entanto, no f. 135v temos: «e depois de se combaterem a cavalo se deserão a pée [palavras riscadas: ~~mas mas o Delfim~~] e combaterão outro pedaso, e logo os apartarão e ficarão *buenos e leales*, e o Delfim combateo». Neste caso parece que o copista se apercebe de que lhe bailou uma linha, riscou o escrito e voltou a escrever a linha que supostamente ia entre médias. No f. 136r aflora outra repetição: «el-Rey se combateo outra ves a pée e a cavalo, e o mesmo fes <no vale de Monsiur> no vale de Monsiur de Naves». O mesmo acontece no f. 136v: «que foi huã torre de madeira e tupida [~~por~~] de terra por dentro, que a guardavão quarenta homens armados». Estas emendas indicam, provavelmente, que se está copiando de um outro texto diferente.

Também é preciso acrescentar que, segundo Isabel Almeida, do presente texto existe uma outra cópia manuscrita numa biblioteca de um particular que ia ser publicada «já para breve» por António Dias Miguel²³. Ignoramos se este projecto chegou a frutificar, mas seria interessante comparar as variantes de ambos os exemplares, no hipotético caso de existir.

Mas se por algo pode interessar este novo documento de Francisco de Moraes, redescoberto agora, é tanto pela sua possível conexão com o seu *Palmeirim de Inglaterra* como por nos ajudar a clarificar aspectos concretos da sua elaboração, avaliando o grau de imitação da realidade que se reflecte nas suas páginas. Neste sentido, já Díaz de Benjumea, em 1876, assinalou a importância que podia ter tido este texto na confecção dessa obra-mestra do género cavaleiresco. Vejamos as suas palavras:

Llegado a París [Francisco de Moraes] con el embajador e introducido en la corte, su primer trabajo fue la relación de las fiestas que se hicieron para el casamiento del duque de Cleves, que cita Barbosa Machado en su *Biblioteca*, aunque no es obra conocida del público y sería de desear que se imprimiese, si por ventura existe, pues habiendo de tratar por fuerza en ella de torneos y fiestas y de más ejercicios y prácticas cavallerescas, a que entonces era la dicha corte tan aficionada, pudiéramos ver y comparar la descripción de estas batallas reales con las fingidas que tanto abundan en su poema cavalleresco *Palmerín*²⁴.

Da mesma opinião foi o inglês Purser:

It is interesting to compare the charming family scenes depicted by Moraes in *Palmeirim* with the reality as disclosed in this marriage and in the treatment of D. Maria by D. João III²⁵.

E não estavam muito errados. Como é óbvio, existem semelhanças consideráveis entre a realidade e a ficção, entre as aventuras celebradas em honra de dito casamento e alguns episódios descritos atra-

23. Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e ALMEIDA, «Morais (Francisco de)», em *Biblos. Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1997, 927.

24. Nicolás DÍAZ DE BENJUMEA, *Discurso sobre el Palmerín de Inglaterra y su verdadero autor*, Lisboa, Imprenta de la Real Academia de Ciencias, 1876, 84.

25. William Edward PURSER, *Palmerin of England. Some remarks on this Romance and on the controversy concerning its authorship*, Dublin, Browne and Nolan, Limited, 1904, 398.

vés das páginas do *Palmeirim de Inglaterra*. Só para citar um exemplo, lembremos a aventura onde Floriano, pletórico de orgulho, se fez acompanhar de nove donzelas ao longo dos perigosos caminhos da Hespânia, Navarra e França, defendendo-as contra aqueles que se lhe punham diante (II, 123-130)²⁶. Na carta de Moraes acha-se uma notável similitude entre a atitude dessa personagem e a de Francisco I. Entre outras coisas, conta-se como este, junto de outros oito cavaleiros, «trouve mais nove donzelas vestidas à italiana», «e como lhe, segundo dizem, de sua natural inclinação hé amigo de mostrar aparato e famfarrice uzava de todas as mostras que nisso o podiam favorecer —e também seria por parecer bem às damas; andava de huã a huã como quem com alguã delas não queria perder o crédito» (f. 134v). Ora bem, o exemplo mais destacado desta transposição de elementos reais sobre elementos narrativos baseia-se na «Aventura dos quatro vales defendidos», obra dos dois filhos do soberano francês, e muito parecida com a da Ilha Perigosa em que Palmeirim, após ultrapassar um primeiro obstáculo numa fonte cheia de animais selvagens, precisou de fazer o mesmo na prova dos quatro padrões, cujo conteúdo é o seguinte: junto da ponte levadiça de um castelo achavam-se até quatro padrões de jaspe, ao pé de cada um dos quais havia um escudo com letras ameaçadoras; de cada um deles saía-lhe um cavaleiro em atitude de batalha, com quem pelejava e dos quais só sobrevivia Satiafor, encarregado de informar o herói sobre a origem da aventura e dessa terra (II, 57-59)²⁷.

Da mesma maneira, tendo em conta o conteúdo da carta e a situação política do momento, é significativo também que no *Palmeirim de Inglaterra* Navarra figure como mais um reino independente e diferente da Hespânia, um termo que para os escritores do século XVI abrangia tanto Espanha como Portugal. Esta circunstância vem corroborada pelos títulos nobiliárquicos das personagens do romance: Recindos era o rei da Hespânia, enquanto que Vasilau governava sozinho o reino de Navarra, onde a sua filha Arnalta se tinha convertido na sua herdeira e, segundo Purser, na personificação da *frenchwoman*²⁸.

Um derradeiro aspecto interessante da sobredita carta consiste em aclarar um ponto sobre o qual a crítica anterior tinha mantido um juízo errado, quando afirmava que Francisco de Moraes não tinha conhecido nunca a língua francesa. Face ao texto que hoje apresentamos, podemos certificar que não só a aprendeu bastante bem, senão que além disso traduziu até vários documentos franceses —«que tudo mando e treslado em português a Vossa Senhoria» (f. 132r)—. É certo que na sua *Desculpa de uns amores que teve em Paris com a donzela Torci*, publicados na imprensa eborense de Manuel de Carvalho em 1624, o escritor lusitano confessa não saber francês, mas é justamente esta circunstância que nos ajuda a situar a criação desse texto —ou pelo menos os sucessos relatados nele— num arco cronológico mais reduzido, entre os finais de 1540 e os inícios de 1541, data das suas primeiras semanas de estadia na corte francesa, e a crer que só depois começou a ter um conhecimento aceitável do idioma.

26. As citações são feitas a partir da edição de 1567 (Évora, André de Burgos).

27. O aspecto literário deste documento será tratado com detalhe em trabalho posterior. Para a análise das relações entre ficção e realidade nos livros de cavalarias são interessantes os trabalhos de: Alberto del RÍO NOGUERAS, «Sobre magia y otros espectáculos cortesanos en los libros de caballerías», em Juan Paredes (ed.), *Medioevo y Literatura. Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Granada, 27 septiembre-1 octubre 1993)*, Granada, Universidad, vol. IV, 1995, 137-149; Pedro M. CÁTEDRA, «Fiestas caballerescas en tiempos de Carlos V», em *La fiesta en la Europa de Carlos V*, Real Alcázar Sevilla, 19 de septiembre-26 de noviembre 2000, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, 93-117; Sylvia ROUBAUD-BÉNICHOU, «Les fêtes dans les romans de chevalerie espagnols», em *Les fêtes de la Renaissance (III), XVe, Colloque international d'Études Humanistes (Tours, juillet, 1972)*, Paris, C.N.R.S., 1975; Sylvia ROUBAUD-BÉNICHOU, «Juego combinatorio y ficción caballerescas: un episodio del *Palmerin de Inglaterra*», *Nueva Revista de Filología Hispánica (Homenaje a Raimundo Lida)*, XXIV, 1978, 178-196; ou J. E. RUIZ DOMÉNECH, «El torneo como espectáculo en la España de los siglos XV-XVI», em *La civiltà del torneo (sec. XII-XVII). Gios-tre e tornei tra Medioevo ed Età Moderna. Atti del VII Convegno di Studio*, Narni, Centro di Studi Storici, 1990, 159-194.

28. William Edward PURSER, *Palmerin*, 1904.

Para acabar só resta deixar constância da triple relevância da redescoberta deste texto: em primeiro lugar, sai à luz a única obra de Moraes que permanecia desaparecida das várias que lhe têm sido atribuídas por parte dos distintos bibliógrafos portugueses; segundo, a sua leitura permite-nos perceber o ponto de vista do autor do *Palmeirim* com respeito aos importantes acontecimentos que se desenvolveram na corte francesa ao longo da primeira metade de 1541; e em última instância, fornece uma informação crucial não só para conhecer a biografia do próprio Moraes, senão também para desentranhar a possível gênese e elaboração de vários episódios do melhor romance de cavalarias do século XVI, o *Palmeirim de Inglaterra*.

Crítérios de edição do texto português

Os critérios aqui utilizados são muito conservadores. Ainda assim estabelecemos algumas modificações:

- Em relação às grafias mantém-se o uso de *v* e *b* segundo as leituras que se documentam no texto. As vogais nasais marcam-se segundo os signos que aparecem no manuscrito, seja mediante um til seja mediante uma consoante nasal (*mão*, *buã*, *emchião*, *hum*, *guardavan-o*, *nenbũ*, *tendichons*, *Delfim*, *dizem*, *podiam*, *emtrada*, *comsertos*, *famfariçe*). Usa-se a grafia *u*, *i* para o valor vocálico (também no caso de contextos semivocálicos, onde costuma aparecer a grafia *y* ou *j*: *rey/ rei*, *my/ mi*, *sey/ sei*, *muy/ mui*, *foy/ foi*, *aynda/ ainda*, *cuidey/ cuidei*, *veyo/ veio*, *creyo/ creio*, *nomeyo/ nomeio*, *correyo/ correio*, *meya/ meia*, *mayor/ maior*), frente a *v*, *j* para o consonântico (*nouas/ novas*, *deuem/ devem*, *uem/ vem*, *auentura/ aventura*).
- Sobre o consonantismo respeita-se o do texto base, embora se efectuem algumas intervenções como as seguintes: 1- Reduzem-se os grupos cultos *ph* (>f), *th* (t): *Phelipe/ Felipe*, *athé/ até*. 2- Para a pré-palatal fricativa surda (/ʃ/) contamos com as seguintes grafias: *ch-* (*chama*, *chegamos*, *chegou*, *desmancho*), *-s* (*mais*, *disposto*, *dis*), *-x-* (*embaixador*, *queixar*, *deixase*). 3- A pré-palatal fricativa sonora apresenta as seguintes grafias: *y-* (*yuntamente*, *yunto*), *-y-* (*dezeyo*, *seya*, *preyudiciais*), *j-* (*juízes*), *g-* (*longe*, *gente*, *gerais*, *passagem*, *giolho*). 4- Como fricativa dorso-alveolar surda (/s/) aparecem as grafias seguintes: *s-* (*sentenceado*, *sobrinho*, *sentença*), *-ss-* (*nossos*, *ameassos*, *passar*, *assi*, *russos*, *isso*), *-s-* (*parese-me*, *meresimento*, *poso*, *dise*), *-ç-* (*graças*, *serviços*, *privança*, *paço*, *moça*), *c-* (*cercado*). 5- Como fricativa dorso-alveolar sonora (/z/) temos as grafias: *-z-* (*apozentar*, *cazado*, *dizer*, *fermoza*, *prezo*, *trazia*, *quazi*), *-s-* (*desenvolto*, *trasia*, *faser*). De qualquer maneira, mantém-se a alternância que aparece no texto base da repartição entre as sibilantes. 6- A palatal nasal sonora (/ɲ/) representa-se mediante a grafia *nh* (*senhor*, *sobrinha*, *dinheiros*, *nenhum*, *tamanhos*, *unhas*). 7- A palatal lateral sonora (/ɺ/) aparece representada por meio da grafia *lh* (*filha*, *lhe*, *melhor*, *conselho*, *gasalhado*, *molher*, *batalha*). 8- Em alguns casos substituímos a vibrante simples pela múltipla por não as considerarmos como mostras de variação fonética. 9- Usamos *ç* unicamente perante vogais anteriores, trocando-a pela sibilante *c* quando precede *e/i* (*servico/ serviço*, *oprecons/ opreçons*, *inibicons/ inibiçons*, *esperanca/ esperança*, *afeicoada/ afeçoada*, *embucado/ embuçado*, *aderecada/ adereçada*, *secou/ seçou*, *terca/ terça*, *ofrecavão/ ofreçavão*, *espaco/ espaço*).
- Sobre a união e separação de palavras, seguimos os usos do português actual.
- Usamos o apóstrofo naqueles casos de vogais elididas (*darmas/ d'armas*).
- Para diferenciarmos entre maiúsculas e minúsculas tivemos em consideração os critérios actuais do português.

- Acentua-se seguindo as normas vigentes do português actual.
- Actualizou-se a pontuação segundo as normas vigentes do português.
- Desenvolvemos todas as abreviaturas que aparecem no texto: *P^{ro}*. (primeiro), *m^{to}*. (muito), *g^{de}*. (grande), *q* (que), *p^a*. (para), *seg^{do}*. (segundo), *vencim^{to}*. (vencimento), *cazam^{to}*. (cazamento), *param^{tos}*. (paramentos), *frr^a*. (feira), *d^{to}*. (dito), *sn^{ca}*. (sentença), *Fran^{co}*. (Francisco), *Snr^o*. (Senhor), *Snr^a*. (Senhora), *Capp^m. gal.* (Capitão Geral), *D.* (dom), *V. S.* (Vossa Senhoria).
- Outros signos: usamos os parênteses rectos ([]) para assinalar as emendas que fizemos no texto, e pomos entre ângulos (< >) as letras que se devem suprimir a fim de oferecermos uma maior compreensão do mesmo. Utilizamos a letra cursiva para as citações em outras línguas tal qual figuram no texto.
- Com a intenção de conservar quanto for possível os valores fonéticos do original tomamos a decisão de manter os polimorfismos, bem assim como a alternância entre vogais *e/i*, *o/u*.
- Conservaram-se, igualmente, as variantes produzidas pelos fenómenos de assimilação (*posuir/ pesue*, *meo/ meu*, *légoa/ légua*, *coluna/ culuna*, *acustuma*, *custume*, *absuluto*, *molber*, *sufuciente*, *prtuguês*) e alternância na grafia da desinência da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples (*sabio/ sabiu*, *morreo/ morreu*).

O texto português completou-se com uma série de notas aclaratórias, a maioria sobre as personagens históricas citadas no mesmo, para que o leitor possa situar-se de uma maneira imediata no contexto da carta de Moraes.

^{131r} Carta que Francisco de Moraes, criado do Conde de Linhares²⁹, lhe enviou do reino de França, onde estava com dom Francisco³⁰, seo filho, quando foi por embaixador del-Rei dom João o 3^o, nosso senhor.

Na primeira carta que desta terra escrevi³¹ a Vossa Senhoria lhe dei conta e rezão o melhor que pude da caza do senhor dom Francisco, segundo ^{131v} estado emtão estava e lhe dei conta da sua saúde e despoição e da maneira que fora recebido del-Rei, com todas as mais novas que quá avia pela terra e com que me pareceo que Vossa Senhoria devia folgar. E em otra que hora Vossa Senhoria me escreveo me dis que ficara ainda escazo e queixasse de eu o não faser mais largo, e em verdade que na outra que escrevi cuidei que era sobejo, que me temi mais de emfadar que d´outra couza. E pois asim não hé, emmendar-me-ei.

O senhor dom Francisco fica muito bem disposto -Deus seya louvado!, que estas cuidos que são as novas que o senhor quererá-, porém, pouco contente da terra e bemquisto nela, ainda que os desgostos das conversasons desta gente seyão graves para quem foi costumado a outras, parese-me a mi que hé temperança e desimulação com que se isto pasa, nasse do dezeyo que tem de cortar em tudo o que for do serviço del-Rei noso senhor, e por minha fée que das calidades que o senhor dom Francisco quá tem mostra<n>do para costumes tão diferentes dos nossos, folgara de diser muito e atrever-me a gavá-los muito bem. Mas como nisto são parte ei medo que me creão mal, e mais escrevendo a Vossa Senhoria, que hé muito mais parte, e porventura quererá mostrar esta carta a quem folgue de ouvir as outras novas que vão nela, e est<e>[a]s julgarão como de homem sepeito.

Quando a esta terra chegamos estava el-Rei de França desviado de Paris ^{dahí} catorze lógoas em huã vila que se nableo³², e os embaixadores, que em sua corte há muitos, aposentados dahí quatro légoas em huã vila que se

29. O primeiro Conde de Linhares foi António de Noronha, irmão do segundo Marquês de Vila Real, Fernão de Menezes, mencionado no final da carta.

30. Francisco de Noronha é filho do anterior.

31. Lamentavelmente não conservamos esta interessantíssima missiva que esclareceria mesmo muito sobre a maneira como Francisco I acolheu a embaixada portuguesa.

32. *Fontainebleau*.

chama Melu³³, no castelo da qual está o Almirante de França³⁴ prezo havia mais de dous anos, e porém tinha liberdade de pasear pela vila e em efeito era chegado afinal, de que herão juízes o gram Chanserel de França³⁵ que, segundo quá dizem, tem boa inclinação; outros que o dezeyão ser em Purtugal não lhe devem nada.

O senhor dom Francisco se foi apozentar no mesmo lugar e do dia ù chegamos; a quinze dias foi sentenciado o Almirante, e como ele seya grande pesoa e na graça del-Rei nos dias pasados mais avante que todos e, além disto, cazado com huã sobrinha del-Rei, filha de huã sua irmã bastarda, ouve el-Rei por bem que a sentença se desemulase algũs dias, nos quais cazou hum sobrinho do Almirante, filho de seu irmão mayor, senhor da caza de Penarque, com huã irmã de Madama de Tampis³⁶. E feito o casamento publicou-se o derradeiro artigo da sentença do Almirante e yuntamente com ele hũ perdão del-Rei, que tudo mando e treslado em português a Vossa Senhoria porque as couzas ^{132r} de longe e de pesoas notáveis sempre folgão de se ouvir:

Treslado do derradeiro artigo da sentença que foi dado contra o Almirante de França.

Ainda mais por maior reparação das imfedilidades, deslealdades, desobidiências, opreções, ingratições, desprezos e menosprezos de nossos mandamentos como de nossas inibições, defesas tomadas sobre nossa autoridade, e outros crimes e diltos aqui asima mais largamente declarados pelo dito processo, havemos por bem de o privar e o privamos ao dito Pabot de todas suas dignidades, estados, officios e honras, e o declaramos e havemos por declarado por inhábil, não capas, não sufuciente, indigno para sempre de todas as dignidades e honras, e yuntamente de todos os benefícios que de nós tem recebido, sem esperança nenhuã de yamais poder tornar a eles nem ser chamado por qualquer cazo ou meresimento que seya, e o havemos por degradado, e degradamos em nosso castelo de Vimena³⁷ perpetuamente³⁸.

Perdão del-Rei

Francisco, pela graça de Deus Rei de França, a todos e por [*dos letras tachadas*] [*escrito en tinta roja*: “?”] ir saúde etc., como por sentença dada aos oito dias de Fevereiro pasado, segundo o parecer e diliberação dos juízes e deputados na companhia do nosso amado e fiel Chanceler pera sempre o proeso de nosso caro primo monsoir Felipe Pabot, cavaleiro de nossa ordem, se mostra entre outras couzas nos foi condenado a nos tornar algumas somas de dinheiros por ele tomados, asi a príncipes e semelhançamente alguãs outras emmendas a que foi condenado por nós, que monta em todo a soma quinze contos des mil trezentas e sincoenta livras [†ter†]. E além disto forão confiscados seus bens, asim aquelas que de nós tem em fieldade como todos os outros móveis e immóveis, em qualquer parte que seyão situados fiquem a nós adqueridos e confiscados etc. Fazemos saber que seguindo nós nossa natural inclinação, que hé mais azinha uzar de clemência e liberalidade que de nenhũ rigor, por estas couzas e trazendo ^{132v} à memória os serviços que o dito nosso primo nos fes desde sua mocidade, que-

33. *Melun*, situada efectivamente a poucos quilómetros de *Fontainebleau*.

34. Philippe Chabot de Brion, *Amiral de France, comte de Charni et de Buzançois, seigneur de Brion*. Colega de juventude, de combates e de amores do rei francês. Várias investigações abertas sobre a sua gestão desvelaram numerosas irregularidades e um alto grau de corrupção que conduziram à sua queda em desgraça a 8 de Fevereiro de 1541, sendo destituído das suas dignidades assim como condenado e despojado dos seus bens, impossibilitando-lhe ao mesmo tempo exercer qualquer cargo público. Foi encerrado na torre de *Vincennes*. Mais tarde, como se lê neste manuscrito, foi perdoado pelo rei. No texto aparece mencionado como «Pabot».

35. Guillaume Poyet era o *Chancelier de France*. Foi o presidente da comissão extraordinária que julgou e condenou o Almirante Chabot. Segundo Georges GUIFFREY, *Chronique du roy François premier*, Paris, 1860, 362: outros integrantes da comissão eram: os presidentes Lizet, Montholon e Brandi, e ainda outros de outros parlamentos como *Bordeaux*, *Rouan* ou *Toulouse*.

36. Segundo Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 117, 36: Madama de Tampis ou Tampes é a *Duchesse d'Estampes*, cujo nome era *Anne de Pisseleu*. Nascida em 1508, filha de honra de *Louise de Savoie*, converteu-se na amante e favorita de Francisco I depois do seu regresso de Madrid. O rei casou-a com *Jean de Brosse*, a quem nomeou *Duc d'Estampes*.

37. Refere-se ao castelo de *Vincennes*, perto de Paris, em cujo torreão se encerrou o Almirante de França. Para ver o texto em francês veja-se: Georges GUIFFREY, *Chronique*, 363.

38. A data de publicação desta sentença é de 8 de Fevereiro de 1541.

remos de nosso próprio movimento, sarta ciência, graça especial, plena poção, real autoridade, por esta presente assignada por nossa mão lhe alargar todas e cada huã das somas de dinheiros, nos quais pelos ditos juizes foi condenado para nossa coroa no quatro dobro ou de qualquer maneira que seya, que está em termo de restituição que de tudo o avemos por remido, restetuido e retornado, e com isso o remetemos e retornamos inteiramente em todos e cada hum de seus bens asim móveis como immóveis, seyão de nossa coroa, e os tenha de nós em fieldade. Com tal declaração e a tal rimição e retorno não se emtenda nas couzas em que for comprehendido ou obrigado a retornar a outras partes porque nisto o havemos por derogado e o derogamos por esta ves sem preyuízo das outras a que foi deverdor, porque só no que nos pertence havemos o nosso dito primo por remetido e restetuido em sua honra, fama e nome, não obstante que pelo dito conselho seya determinado que o dito Pabot não posa ser restetuido nas ditas honras por qualquer merecimento que seya, a qual determinação semelhavelmente havemos por derogada e derogamos, esquesendo todas as ofenças, comfiscção e penas de que somos bem lembrados e memorativo que pelo dito juízo foi comdenado, sobre a qual temos posto perpétuo silêncio ao nosso procurador geral presente e futuro, não o descarregando toda via de satisfazer as partes nomeadas e declaradas na dita sentença todas suas dívidas y entereses, para o qual esta carta não poderá preyudicar nem trazer algum empedimento às ditas partes. E damos e mandamos aos nossos oficiais e tenentes de nossa corte e Parlamento de París que esta presente carta fação ler, registrar e cumprir de ponto em ponto segundo em teor e forma sem nenhuã refutação, dúvida nem defeculdade porque asim nos praz que seya, não obstante quaisquer outras letras, provizons, mandamentos ou ordenacions que a isso seyão em contrárias. Para mais certidão e firmeza mandamos pasar esta selada de nosso selo real. Dada em Bleas³⁹, a 17 de Março de 1541 e de nosso reinado 26 anos⁴⁰.

Treslado da carta que o Almirante enviou a el-Rei

Depois de ter emtendido por meu sobrinho Pormarque⁴¹ os grandes bens, graças, honras e mercês que vos aproveitou de me fazer, não soube como as unilmente o pudese agradecer e doar graças a Deus de me faser alcançar de meu Rei e sobrinho huã obra de mestre tão miziricordioza que não ^{133r} pode sofrer a destruição de sua feitura, de que me fica a vontade firme e afeição para sempre lhe fazer muitos leais serviços, e asim o espero na segurança, bondade e, além disto, na dita de vossa presença e boa graça, que hé o que me fas dezeyer oferecer a vosso serviço a vida minha e de meus filhos, com a qual ainda se não pode satisfazer a inestimável obrigação em que vos fico, etc.

Mandou el-Rei este perdão ao Almirante por seo sobrinho Pormarque [*por encima de esta palabra, en cera roja, una interrogación: “?”*] e agora haverá vinte dias antes da feitura desta que veio, chamado à corte, foi recebido del-Rei com asignaladas mostras de amor, sendo as couzas por que foi acuzado, segundo dizem, mui graves e preyudiciais. O modo da sentença o mostra. E para Vossa Senhoria ver quam repouzada hé esta terra e os príncipes quam seguros podem estar, e os outros homens na privança do Rei, que no mesmo dia em que o Almirante entrou se comesou, que o Condestable [*palabras tachadas: de França*] e o Gram Mestre de França⁴² fica de todo fora da graça real, e esto vos das regateiras sahio tão sarta que dahí a des dias se despedio o Condestable pelo não lançarem e se foi às suas terras. Parese-me que ele deve ser mui amado da fidalguia real, que há muita em França, porque o dia da sua hida o acompanharão gram cópia de gente, homens que farão míngoa a muitos. O Almirante serve agora seus cargos, sendo que seo imigo não me parese que será com tenção de lhes tornar por sua vontade.

39. Blois.

40. O reinado de Francisco I de França abrange de 1515 até 1547.

41. Não conseguimos identificar este «Pormarque», que, segundo se diz, era sobrinho do Almirante Chabot.

42. O Condestável e Grande Mestre de França era *Anne de Montmorency* (1493-1567), que foi nomeado Condestável em 1538 após defender com sucesso Marselha e Provença contra as tropas do imperador Carlos V. Foi um dos favoritos de Francisco I durante muitos anos. Incompatibilizou-se com a casa de *Guise*. Após a investidura do ducado de Milão em favor do príncipe Filipe por parte do seu pai Carlos V e após o casamento do Duque de Clèves e da jovem Jeanne d'Albret em Junho de 1541, *Montmorency* caiu em desgraça e foi convidado a abandonar a corte. Aconteceu justamente na data em que escreve Moraes, em Junho de 1541, quando o Condestável foi afastado do poder e do conselho, sem perder nem os seus títulos nem os seus cargos.

Segunda feira, vinte de Junho, deo o Chanceler banquete em sua caza. A Rainha de Navarra⁴³, Madama de Tampus e ao Almirante dizem quá fruta de sobremeza. Forão capítulos contra o Condestable, porque todos estes são suas partes contrárias. Lá se avinhão; contesa-lhe o que quizer, que não parese inyusto quem quer dar má vida a muitos a tenha também comsigo.

O Duque de Olesuoo⁴⁴ veio a esta corte comsertado para cazar com a filha del-Rei de Navarra, ou da Rainha, falando segundo o costume de quá, porque naquela caza goncallo⁴⁵ hé o que pode mais. Chegou à corte embuçado a vinte de Maio. Troxe pouca gente e bem adereçada, e sendo couza este casamento que el-Rei dizem que negociou com toda a eficácia que pôde, foi mal recebido o Duque. O dia de sua emtrada não sahio a ele nenhum senhor de nome senão só Monsiur de Nouer⁴⁶, que hé seo primo com-irmão, mas depois foi mui bem gasalhado dentro no Paço e com muitas seremónias reais. Antes que se fisesse o casamento, que pasarião vinte e sinco dias, ouve todas as noites serones, que na verdade não podem chamar festa por serem mui gerais. Veio a Rainha à corte, que estava fora dela com sua filha, a Xatelarao⁴⁷, onde se recebeo com o Duque de Cleves terça feira pela menham, 14 de Junho, publicamente no terreiro do paço, que estava toldado por sima; e nele se dise missa por hum Bispo⁴⁸ que, ^{133v} esquesido que lha ofreçavão os cantores del-Rei com mais contrapontos dos que compôs Jusquin⁴⁹, deu-lhe tal preça que quando o coro seçou para ouvir «*Gloria in excelcis Deo*», era yá dito «*Oite, missa est*». El-Rei, muito contente da zombaria, o qual veio a missa depois de jantado, <ou>esteve presente a este recebimento. Francisco, o Cardeal de Torna⁵⁰, que hé hum dos homens que nestes dias mais valem com el-Rei, teve poucas seremónias algum tanto fora da ordem das nossas. Afirmo a Vossa Senhoria que os gastos daquele dia dos atavios das damas e genti^homens forão tão grosos tamanhos que por me pareser que me espanta de couza estranha não quero falar nela.

A noite do mesmo dia os lancarão na cama e est<a>[e]v<a>[e] o Duque com sua molher por espaço de huã hora e meia, em o qual tempo esteve sempre el-Rei e a Rainha de Navarra, Madama de Tampus e o Cardeal presentes⁵¹. A moça hé pequena, de idade de des anos⁵²; achão que aquela hé huã maneira de consumir o matrimónio sem verdadeiro efeito, e achão que todas aquelas seremónias se fiserão ya mais confirmação do casamento, e hé que lhe ponhão este nome porque nenhuã se fas que ainda depois a tenha por certa e segura, quanto mais este casamento, a que achão mil imcomvenientes para sempre o duvidarem, e comfeção que a nenhuã das partes vem bem. Da Rainha de Navarra ouvi sempre dizer que muito contra sua vontade o consentira⁵³, mas

43. Trata-se de *Marguerite d'Angoulême* (1493-1549), que foi Rainha de Navarra de 1527 até à sua morte. Casou a 24 de Janeiro de 1527 com *Henri d'Albret* (1502-1555), príncipe de Béarn, *duc de Nemours* e de *Mont-Blanc*, *comte de Foix e de Bigorne*, filho mais velho de *Catherine de Foix* e *Jean d'Albret*.

44. É um erro do copista. Deve ler-se «Cleves», já que alude ao Duque de Clèves, Guillaume de la Marck, filho da duquesa *Maria de Juliers* e de *Jean II de Clèves*, e irmão de *Anne de Clèves*, mulher de Henrique VIII de Inglaterra de 6 de Janeiro de 1540. Nasceu em 28 de Julho de 1516 e tinha, portanto, 24 anos. Casou a 14 de Junho de 1541 com Jeanne d'Albret, matrimónio que não foi consumado e que anulou o papa Paulo III a 12 de Outubro de 1545.

45. Não chegamos a compreender o sentido desta última palavra.

46. Parece provável que «Monsiur de Nouer», «Monsiur de Nemes», «Monsiur de Naves» assim como «Monsiur de Neveis» do texto se refiram a uma só pessoa, o *Duc de Nevers*, capitão dos cem genti^homens da casa do Duque de Clèves. Nesta data o *Duc de Nevers* era *François I de Clèves* (1516-1561), *Comte de Retbel*, que casou em 1538 com *Marguerite de Bourbon Vendôme*.

47. De facto, o casamento foi em *Châtelleraul*, a 30 quilómetros a norte de *Poitiers*.

48. Trata-se do bispo de *Sisteron*, responsável pela celebração da missa do casamento.

49. Jacopo Pratense, chamado *Jusquin del Prato*, foi um célebre compositor de música da época.

50. Refere-se ao Cardeal *François de Tournon*, que foi o encarregado de casar o Duque de Clèves com Jeanne d'Albret.

51. Veja-se o que diz a este respeito Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 119-120: «Voici dans quels termes Bordenave, l'historiographe de Jeanne d'Albret, raconte ce fait: "Le soir, l'épous fut mené en la chambre et au liet de l'espousée (...) en la présence de l'oncle et des père et mère de la fille et de tous les plus grands seigneurs et dames de la cour. (...) Ainsi il n'eut de tout ce mariage que du vent (...)" (Bordenave, *Histoire de Béarn et Navarre*, p. 39, édit. de la *Soc. de l'Hist. de France*). Alors le roi a fait sortir tout le monde, excepté le roi et la reine de Navarre, madame d'Estampes, la grande maîtresse de cour, Louis, Monseigneur de Nevers et deux gentilhommes du duc».

52. Na realidade Jeanne d'Albret (1529-1572) tinha 12 anos em 1541. Era filha de *Marguerite d'Angoulême*, irmã do rei Francisco I da França, e de *Henri d'Albret*, nesse momento reis de Navarra. A jovem princesa converteu-se num instrumento nas mãos do seu tio, que a utilizou sem nenhum escrúpulo para conseguir os seus objectivos políticos.

53. Francisco de Moraes demonstra conhecer muito bem a situação política do momento e as intrigas palacianas da corte francesa. Com efeito, os reis de Navarra opuseram-se desde o primeiro instante a um enlace que não lhes fornecia grandes

como el-Rei de França fas tudo o que quer, em seo reino hé absoluto: não há contradiser-lhe couza de sua vontade e mais esta em que parese que emcontra ao Imperador e arma meter na coroa as terras que agora pesue el-Rei de Navarra, que depois lhe será duro delas por posuir a hum senhor alemão.

Ouve muitas festas de justas e torneos e em alguns emtrou el-Rei, que, segundo me parese, não quer que todo o gosto e alvoroso dela seya dos mancebos.

Sesta feira, a vinte e seis de Junho, o Delfim⁵⁴ e Monsiur d'Orliens⁵⁵ ordenarão fora da vila, em huã floresta grande e mui aparelhada a estes desemfadamentos, sertas aventuras de damas e cavalheiros andantes ao modo antigo, remedando *Amadis*⁵⁶ e couzas desta calidade, que, a meo parecer, foi mais soberba couza e groça festa que eu cuidei de ver; e não hé muito pareser-me assim porque os mesmos naturais a comfeção pela maior que numqua foi em França, e ainda que não sei quam bem Vossa Senhoria sofrerá escrever-lhe vaidades, eu determino desta ves [*palabra tachada: contar*]⁵⁷ dizer tudo porque outra ves me não reprecnda de escrever pouco.

Meia légoa desta floresta o Delfim com quatro cavaleiros guardavão hum vale grande, cercado todo de rama, feito o cerco a mão para que ninguém pudese emtrar dentro senão os cavaleiros que viessem combater. A huã ilharga do campo estavam huãs barandas de rama para dentro delas verem as damas as aventuras. À emtrada da porta do vale estava hum padrão grande com verde e branco, com letras de grandes ameassos aos que passavão seguindo a ferozidade dos pasados, as quais não escrevo aqui porque para quá são muito boas, para lá não sei se o parecerão, e mais ocupão [†muito†]; chama-se este vale dos Descontentes Amadores. Estava à ilharga dele huã tenda grande e pouco rica donde sahia o Delfim e seus^{134r} companheiros cada ves que algum cavaleiro andante queria entrar no vale, que lhe dava avizo hum escudeiro que o vigiava ataviado por extremo. Yunto da sua tenda estavam outros de rama donde sahião os cavalos, tudo tão natural que parecia ser verdade as mesmas desta sorte que alguns escreverão.

Mais abaixo, quantos dous tiros de besta, estava outro vale da mesma maneira e dos mesmos comsertos que guardava Monsiur d'Orliens. No topo da emtrada estava huã culuna grande com duas sortes de letras derramadas por ele que emchião a culuna: huãs dizião «*Proculi biamory que fadesa Rut.*»⁵⁷, e as outras «*Nunc et semper*»⁵⁸. Este vale [é] o Vale dos Contentes Amadores⁵⁹.

Mais abaixo estava outro vale comsertado da maneira dos outros que guardava Monsiur de Nemes, que hé hum dos principais desta terra, e a poucas vacantes lhe<s> pertenceria o reino. Tinha no topo hum padrão guarnecido douro, e no alto dele o amor com seo arco na mão e huãs letras ao pé que dezião: «*Omnia vincit amor*»⁶⁰.

Abaixo destes três vales estava outro paço que queria remedar os de sima, mas não tão nobre; guardavan-o dous homens mancebos, hum deles Monsiur de Labar⁶¹, que ao presente hé homem que mais renda

beneficios. *Jean d'Albret* preferia casar a sua filha com o primogénito de Carlos V porque isso supunha o reconhecimento do seu reino de Navarra.

54. Após a morte do Delfim Francisco de Viennois (1518-1536), que além disso era *Duc de Bretagne*, o futuro *Henri II* (1519-1559) converteu-se no novo Delfim.

55. Faz-se referência a *Charles* (1522-1545), segundo *Duc d'Orléans* e filho de Francisco I. Era também lugar-tenente geral do rei em *Champagne*.

56. Não devemos esquecer que em 1540 se reedita em terras francesas o *Amadis de Gaula* com uma tradução feita pelo picardo Nicolas Herberay des Essarts, o qual trasladou os primeiros oito livros por expresso desejo do rei Francisco I. O monarca estava muito influenciado pelo antigo mundo cavaleiresco.

57. *Proculi biamory que fadesa Rut*. Segundo Georges GUIFFREY, *Chronique*, 380: as letras eram as seguintes: *Procul binc amoris qui foedera rupit*.

58. *Nunc et semper*: «Agora e sempre».

59. Segundo Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 123-124: o padrão de *Mr. d'Orliens* levava uns versos escritos por Clément Marot (*Voicy le val des constans amoureux/ Oû tient le parc l'amant chevalleureux*), enquanto o padrão de *Mr. de Nevers* não tinha divisa e o de *Mr. d'Aumale* levava as palavras *nunc et semper vivat* e outros versos de Marot (*C'est pour la soudenance d'une/ Que je porte ceste devise*).

60. *Omnia vincit amor*: frase ovidiana que quer dizer «o amor pode tudo».

61. Provavelmente «Monsiur de Labar», «Monsiur de Val» e «Monsiur de Labal» do texto fazem referência à mesma pessoa, a *Guy XVII de Laval, Claude de Montmorency-Laval, Comte de Laval (Mayenne)* (1522-1547). Casou em 1535 com *Claude de Foix, Vicomtesse de Lautrec*.

tem em França, com quanto não tem muita, que nesta terra, segundo me parece, que toda a nata hé da coroa; e outro se chama Monsiur de Ruuam⁶², cunhado del-Rei de Navarra, cazado com huã sua irmã; neste não havia já barandas, sem outro nenhum comserto para as damas. No topo e emtrada no tronco de huã árvore estão dous escudos pendurados: o de Monsiur de Val tinha em campo dourado, com huãs letras negras que, tiradas de francês, dizião: «*Onde te levão os teus fados*», e emcostadas à árvore lanças d'azul e ouro com as mesmas letras esparzidas por elas; o de Monsiur de Rouam, em campo negro, huã pluma e hum «L», e despois hu[m] «V» [e] outro «L». Deu-lhe esta diviza a Rainha; dise que nem ela sabia [a] tenção dele.

Afora este[s] vales e pasos notáveis que se guardavão desta maneira que digo a Vossa Senhoria, havia pela floresta outras muitas tendas e tendilhons esparzidos por ela; a de quá sahião cavaleiros com suas armas e devizas, lanças e ricas, diferentes huãs das outras, e alguãs donzelas andantes que atravessavão a floresta e delas merecedoras de as deterem e as não deixarem tão soltas. Todos estes tendichons tinhão à porta cavalos prezos selados, guarnecidos com paramentos de brocados, sela de ouro e de prata, e daqui não deceo nenhũ, e sobre o portal, dependurados, seus escudos com suas divizas⁶³ e letras, couza muito crespa⁶³ que ao longe parecia muito bem e ao perto não parecia pior; e emcostadas às tendas as lanças pintadas de cores para que, se algum cavaleiro pasase, não deixase de provar [a] ventura do vale.

E pasada muita parte do dia sahio el-Rei de huã caza de prazer quazi perto com oito companheiros das suas cores, que forão verde e branco -não sei se acostuma <se acostuma> assi sempre, mas elas forão daquele dia-, e os cavalos com paramentos de tela de ouro que os cobria todos, mas, porém, algum tanto mais escuzado do que os levou o Delfim seo filho. No escudo não levou diviza nem letra, somente o campo todo dourado sem outra nenhuã mistura, e o mesmo fizerão todos os seus companheiros, posto que as cores dos escudos erão diferentes. Trazia dous escudeiros que lhe servião de trazer a lança e o elmo, hum deles foi o Almirante e o outro o grande Escudeiro de França⁶⁴, que neste reino hé nome próprio e de grande estado; forão seus companheiros el-Rei de Navarra, Monsiur de [*palabra tachada: João*] João⁶⁵ polo o seo capitao geral da gente de armas Monsiur de Guiza⁶⁶, irmão do Duque de Lorena⁶⁷, e outros principais do seo reino, todos de idade de serem mais cavaleiros repouzados que andantes.

Trouve mais nove donzelas vestidas à italiana, em palafrens russos guarnecidos por milagre e elas tão ricamente ataviadas de ouro e pedraria quanto me eu não atrevo a gavar, nem também poso acabar comigo de dizer muito bem destes, mas quá me ficou para vingança pareserem-me todas feas. Huã delas hera a Delfina⁶⁸, sua nora, e outra sua filha Madama Margarita⁶⁹, Madama de Tampis, e Madama de Memoransi, que serto estas duas não erão muito detrás destas; a Almirante, sua sobrinha, Madama de Lafranza⁷⁰, que em outro tempo dizem que pareceo bem ao Delfim pasado; agora sobre nove filhos está tão moça que pode emtrar nestes brincos; em fermoza fes vantagem. A todas as outras não nomeio porque como não são Dona Foam⁷¹ e esta carta hé minha, ei medo que pareção nomes postiços.

Veio el-Rei em hum cavalo murzelo e grande, e como ele também seya agigantado davan-lhe tanto lustre as armas que entre todos ele parecia só o digno de desbaratar tudo, e como lhe, segundo dizem, de sua natural inclinação hé amigo de mostrar aparato e famfarrice uzava de todas as mostras que nisso o podiam favorecer -e também seria por parecer bem às damas; andava de huã a huã como quem com alguã delas não queria perder o crédito-. Desendo pela floresta abaixo até que chegase ao primeiro vale chegou a ele hum imritão⁷¹ de serteza, de

62. Refere-se a *René, Duc de Rohan*, que casou com *Isabel d'Albret*, a irmã do Rei de Navarra *Jean d'Albret*. No texto o seu nome aparece escrito das seguintes maneiras: «Ruuam», «Ruão» e ainda também com o «João» de mais abaixo.

63. *crespa*: áspera.

64. O Escudeiro de França era nesta data *Claude Gouffier de Boissy*.

65. É um erro de cópia. É o mesmo «Monsiur de Rohan» citado anteriormente.

66. O *Duc de Guise* era *Claude de Lorraine* (1496-1550), *Gouverneur de Champagne* e *Grand chambellan*. Foi o fundador da família de *Guise*. Filho de *René II, Duc de Lorraine*. Casou com *Antoinette de Bourbon*.

67. O *Duc de Lorraine* entre 1508 e 1544 foi *Antoine de Lorraine* (1489-1544), que também foi duque titular de *Guel-dre* de 1538 até 1541. Era filho de *René II, Duc de Lorraine*, e de *Philippine de Gueldre*.

68. A Delfina era Catalina de Médicis (1519-1589), sobrinha do papa e mulher do futuro Henri II desde 1533.

69. Margarita de Valois (1523- 1574), sétima filha de Francisco I e de Claude de França.

70. W. E. PURSER, *Palmerin of England*, 177: Com *Madama de Lafranza* refere-se a *Mlle. de l'Estrange*, que foi a amante do Delfim Francisco, cuja morte teve lugar a 10 de Agosto de 1536.

71. Foam ou Foão quer dizer Fulano, um nome incerto ou desconhecido.

barba grande e contas⁷² de bugalhos⁷³ e vestido<s> em hũs ábitos de brocado preto e pardo, em hum palafném negro que da parte de Deus o comesou amoestar que com seo poder e autoridade quisese atalhar o perigo daquele dia que, segundo via, seria muito grande pela soltura dos muitos cavaleiros que amtão havia das diferenças que as damas entre elas ordenavão, a que ele respondeo que para isso vestira as armas: para com elas e sua pessoa franquear a passagem a todos e desfazer os maos costumes que algu[n]s com soberba hofania querião pôr em seo reino, e por também satisfazer a huã dama veúva que yunto dele vinha queixando-se da morte de seo marido, a quem sem cauza hum cavaleiro soberbo matara; a qual veúva vinha em hũ palafném negro, cuberto de seda negra que lhe não aparecia o rosto, –mas eu me afirmo que não hera veúva nem travalhara muito por vingar a morte do seo marido, se o fora–, e o hermitão se fora comsertar à sua hermidã, que entre os vales estava feita de rama, para curar os enfermos e doentes e emterrar os mortos que aquele dia havião de ser mortos. Mas parece que nenhum deles tinha ainda os seus dias cheos e não morreo nenhum. El-Rei, neste paço, chegarão dous carros: hum deles tiravão duas azêmolãs, guarnezido de seda verde com duas donzelas vestidas e ataviadas à espanhola, gentis molheres; e no outro, que era triunfal, todo dourado, que tiravão quatro donzelas que todas pedião vingança de algũs agravos que lhe[s] fizerão os guardadores do primeiro vale, que hera ^{dito} o Delfim, e também se dis que alguã tinha rezão de se queixar, mas antes que el-Rei lhe pudese dar no caminho achou dous cavaleiros que lhe impedirão a passagem, ambos mancebos. Hum deles chamava-se Monsiur de Xatilon⁷⁴ e outro o Conde de Rozey⁷⁵, que trazia no escudo, em campo negro, huã morte pintada com huãs letras que dezião: «*El que la teme no la busca*», escritas em espanhol –porque o Rozey se preza muito disto e fala-o bem, que o aprendeo em Castela estando lá com os filhos del-Rei⁷⁶–; e como el-Rei nestes cazos queria ser o primeiro que aventurase sua pessoa, não se esperando que do quadragante tocasse a trompa, depois de pasarem alguãs palavras remeteo ao Xatilon, que foi o que se veio a ele. El-Rei errou o emcontro e o outro quebrou a lança nele e logo se deserão a pé e combaterão das espadas, e a poucos golpes el-Rei o rendeo e o entregofu] prezo. E o mesmo fes [a]o Rozey, que lhe entregofu] a espada, e com a soberba daquele vencimento, cercado de suas damas, chegou ao vale o Delfim, onde por hum enano que trazia comsigo vestido de tela de prata mandou saber quem guardava aquele paço e sahiu-lhe ha vegia que nele andava, que depois de saber que erão cavaleiros andantes mandou aos archeiros que guardavão a porta que os deixase[m] emtrar, pois ^{135v} sua desaventura os trouxera a tal parte; e levada a nova ao Delfim, como seo valor era roubado por cavaleiros estranhos, sahio da tenda com seus quatro companheiros o mais soberbamente vestido e armado –o que me dizem que se numqua vio em França–. Vinha em hũ cavalo russu pombo grande, do qual se não podia ver nada da cor se não por hu[n]s muito pequenos indícios e, às vesses, por antre os paramentos se descobria que todo até às unhas vinha cuberto dos mesmos paramentos, que erão de brocado ^{de} branco e preto, tesido em rodas da mais rara e nova invenção do mundo; trazia no seo escudo, em campo negro, hum [inismio]⁷⁷ branco meado de fogo douro, com huãs letras que dizião, tiradas do francês: «*Os amores entre o fogo*»; as armas cubertas do mesmo brocado de preto e branco. Seus companheiros sahirão de cores diferentes, mas tão ricos e tão ataviados como ele. Yá antes que el-Rei ahí chegase o Delfim tinha avido batalha com outros cavaleiros andantes que por ahí pasarão e hum se fengio ser morto e o levarão em huãs andas de pao à hermidã para lhe não darem sepultura; outro dise que o conhecia nos golpes.

Amadis⁷⁸, com o giolho no chão, se lhe rendeo, mas el-Rei, que não curava de dar ventagem a ninguém, come-sou de pedir batalha e ouve a das espadas com hum estribeiro do Delfim que sahio a ele, e depois de se combate-

72. *contas*: glóbulo de um rosário ou de um colar.

73. *bugalbos*: excrescência arredondada, nos vegetais, produzida pela picada de certos insectos.

74. Este *Mr. de Châtillon* talvez seja um dos sobrinhos do Condestável *Anne de Montmorency*. Pode ser o mesmo do qual teve ciúmes Francisco de Moraes na *Desculpa de uns amores*, onde a bela *Torcy*, aquela dama francesa de quem se tinha namorado, se pôs no regaço do francês.

75. Não lográmos identificar esta personagem. Talvez seja Philipe, comte de Bagey, filho primogénito do Duc Amadeus de Savóia. Mas não temos a certeza de que estivesse neste tempo na corte francesa.

76. Alude à prisão de dois dos filhos varões do rei francês, *Henri* e *François*. Após a guerra de Pavia em 1525, durante a qual Francisco I foi feito prisioneiro, este comprometeu-se a aceder às condições de paz de Carlos V estipuladas no Tratado de Madrid. Nelas obrigava-se o monarca galo, entre outras coisas, a entregar dois dos seus filhos como garantia de que cumpriria o prometido. Ambos os rapazes estiveram presos desde 1526 e só conseguiram a liberdade quatro anos mais tarde, após a Paz de Cambrai.

77. *inismio*: é provável que o copista não compreendesse esta palavra. Desconhecemos o seu significado.

78. Não percebemos esta alusão ao Amadis de Gaula. Talvez seja uma simples comparação com esta personagem literária.

rem a cavalo se deserão a pée [*palabras tachadas: mas mas o Delfim*] e combaterão outro pedaso, e logo os apartarão e ficarão *buenos e leales*, e o Delfim combateo com el-Rei de Navarra a cavalo e despois a pée, mas como o Delfim verdadeiramente seya muito verdadeiramente gentilhomem, nas armas mui desenvolto e destro nelas, teve el-Rei necessidade dambalas veses os apartarem. Tras ele sahirão os outros, hum por hum, e à companhia do Delfim se puzerão mais quatro cavaleiros porque ficassem nove por nove. Acabado de se combaterem em prezença da Rainha de França⁷⁹ e todas as princeças e damas que havia na corte, que estavam nas barandas que dise, no qual combate ouve quebrar de espadas, cahirem algu[n]s dos cavalos, desguarnecer pessas d'armas, semeado o campo de penachos ricos e a pedimento do Delfim comsienio el-Rei que correse cada hum sua lança, que ouvese algu[n]s emcontros errados e outros asertados, e não parese que ouve algum desmancho, que foi o que aquele dia mais se louvou.

No fim das carreiras se d<o>[e]lu a vitória a el-Rei e, franqueando o vale, se foi com sua companhia ao de Monsiur d'Orliens,^{136r} onde pasou os mesmos passos. Por isso não há que contar somente que Orliens sahio tão ricamente ataviado com[o] seo irmão, armado d'armas de ouro e azul, feito de tão gentil maneira com seus apartamentos ricos e soberbos e no escudo, em campo branco, hum usso e huãs letras que, tiradas do francês, dezião: «*Mais fero bé o amor*». Aqui ouve gentis emcontros. El-Rei se combateo outra ves a pée e a cavalo, e o mesmo fes <no vale de Monsiur> no vale de Monsiur de Naves, a que também, depois de deixar franqueado o de sima e quando chego[lu] [alos de Monsiur de Labal e de Ruão, quazi não combateo com ele havendo a empreza por pequena mandou dous galantes que fosse castigar aqueles cavaleiros e desta maneira se acabou a festa, o qual dia teve mil galantarias outras, porque por muitas partes da floresta ouve outros passos, outros combates que se ouvião em partes diversas da floresta de cavaleiros estranhos, des com feridos, donzelas forçadas –ou se queixavão diso–, tanto ao natural das vaidades que contão livros e estórias que parecião o próprio. Forão por todos daquele dia quarenta e oito cavaleiros armados; cada hum trasia seo escudeiro, senão el-Rei e o Delfim, que tirou dous e o Delfim outros dous, e seo irmão outros dous, afora os vigiadores do vale e o anão de el-Rei e o ermitão, que todos sahirão de tela de ouro e prata e muita abastância do frans<ec>ês. Não bebem nem vestem ao modo biscaíno. Antre os quarenta e oito armados hum só por sua desventura asertou de fazer apartamentos de seda e este para mais glória dos outros asertou de não ser francês; e afirmo a Vossa Senhoria que foi este o mais triunfante dia que cuidio se vio há muitos anos e o mais festeyado cazamento, mas as regateiras dizem que não tras bom anúncio recebimentos em terea, bailes e festas vistas de noite, como também ouve neste cazamento, e sobretudo, pouca amizade com o Imperador. Alguãs letras nos cavaleiros andantes ouve nos escudos que folgara de mandar porque ao menos, se Vossa Senhoria se emfadar delas, ahí está o senhor Afonço de Albuquerque⁸⁰, que a[ls] honrará, que esta hé a sua serto profição. Mas porque a festa pasou ontem não ouve ainda lugar para fazer inquirição tão larga. De dous ou três me lembro, afora as que tenho yá dito, que aqui porei por ordem de pesos grandes:

Monsiur de Mulla⁸¹, filho do Duque de Guiza, tirou em hum escudo de prata huã erva que em Purtugal se chama sempre-verde⁸², e com huã letra que dezia em latim: «*Hunc et semper anénus*»⁸³; ^{136v} no escudo, em campo pardo, huã árvore verde com os pomos douro: «*Mens im mota in nanis*»⁸⁴; e em outro escudo que estava dependurado em huã árvore Monsiur de Tras de Juno⁸⁵, em campo branco, hum cavaleiro armado de negro, em letras de ouro: «*Um super hoc vincas nec uicto gla quanta est*»⁸⁶.

79. A Rainha de França nesta data era a desconsolada Leonor de Áustria (1498-1558), irmã de Carlos V.

80. Afonso de Albuquerque (1453-1515) foi o responsável pela extensão do império português nas costas do sudeste asiático (Goa, Malabar, Ceilão e Malaca, entre outras). O seu filho Brás Afonso de Albuquerque casou com Maria de Noronha e Aiala, irmã de Francisco de Noronha.

81. Alude a *François de Lorraine* (1519-1563), *Duc d'Aumale*, que era o filho mais velho do *Duc de Guise*. Mais tarde sucederia ao seu pai neste último ducado. Era lugar-tenente e primo irmão do *Duc de Vendôme*, *Antoine de Bourbon*. Chegou a ser *Gouverneur de Picardie*.

82. *sempre-verde*: loureiro.

83. *Hunc et semper anénus*: ou talvez *Hunc et semper alienus* (a este e sempre alheio), ou antes *Nunc et semper alienus* (agora e sempre estrano). Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 124: afirma que levava a seguinte inscrição: *Nunc et semper vivat* (agora e sempre viva).

84. *Mens im mota in nanis*: ou antes *Mens immota innanis*: a mente imóvel vazia.

85. Ignoramos quem se oculta atrás deste «Monsiur de Tras de Juno». O mesmo nos aconteceu com as personagens mencionadas imediatamente depois: «Monsiur de Canó» e «Monsiur de Meça». Com «Monsiur Salus» pode fazer alusão a *Jean Louis, Marquis de Saluces*, que casou com uma das irmãs da favorita do rei ao redor de 1539.

86. *Um super hoc vincas nec uicto gla quanta est*: ou antes *Um [z] super hoc vincas nec victo gloria quanta est*: que sobre isto vences e não quanta é a glória ao vencido.

Monsiur Salus, em campo branco, huã dama que tomava ao amor pelos pés e o afogava dentro em huã fonte, e a letra dezia: «*Qui superos vincit foemina mingite acute*»⁸⁷.

Monsiur de Canó, no escudo, em campo negro, huã escada dourada e hum cavaleiro que subia por ela e a escada quebrava por muitas partes e a letra era em grego e dezia: «*Apocolo xx calitero*»⁸⁸, que a pouco irei subindo.

Monsiur de Meçia, hum moinho de vento sobre huã roça e a fortuna: «*Jmme semper mutabilis*»⁸⁹.

Outras mil semsaborias <ouve> ouve nas aventuras. Vi hum milagre aquele dia que todo o al me fes ter em pouco, e foi que além dos vales defendidos, dous tiros de besta estavam duas fontes de vinho, mas nas tendas dos príncipes as emserravão de toda a coza com seo costume, e que eles andão defendendo a outra gente⁹⁰.

À noite ouve serão real de muita maneira em que ouve sete sortes dos momos⁹¹ <diferentes> deferentes huãs das outras, de muito ga^{to} e despeza e de mui singulares invençons. Forão por todos os que emtrarão neles quarenta pessoas, e se por ventura gosto tão groço e tão contino parecer a Vossa Senhoria couza de graça, não ho havia por muito, que o mais ou quazi todo dá el-Rei, e yá os das damas não há dúvida nisso; e creio eu que assim como isto são bens do Diabo, que assim o Diabo lhe dava furo para onde o despendão. O sei porque alguã ora houvera outro depósito se fora de Deus, e o que a ventura permite que se despendam asi porque em tezouro não seya, porque não fala mais mal que em França, segundo tenho sabido, não há nenhum depósito de moeda prata e ouro senão hé esta pedraria que cada dia arrastam, que hé muita e mui boa⁹².

Quando o Duque de Cleves chegou a Amboiça⁹³, logo quando veio, ouve outra festa notável, que o assim ordenou, que foi huã torre de madeira e tupida [*palabra tachada: por*] de terra por dentro, que a guardavão quarenta homens armados, e capitão deles Monsiur de Neveis, e de fora veio o Delfim e seo irmão com toda a outra gente manceba de corte. Ouve escaramuzas no campo de gente de cavallo: dos de fora, dos de dentro e alguns prezos e outros dirritados e despois sahindo a gente groça de súpito fizerão recolher fugindo^{137r} aos da fortaleza, à qual chegarão e combaterão com todo o modo de muniçons e armas que podia ser, couza muito crespá e muito bem feita. Durou o combate mais de huã hora, na qual ouve alguns dirribados e outros escalavrados. Por derradeiro emtrou a escala vista porque o Delfim subio, porque de outra maneira não se podia emtrar, e não me culpe Vossa Senhoria hir aqui ;pens? por cabeça, pois isto ouvera de ser porque a preça do correio me fas andar vazilando, e também o gosto que tinha de escrever aquela outra grande aventura, que, a meu pareser, será digna de lembrar, no qual dia triste foi a dama que vestio seda.

As mais novas, que el-Rei hé partido não sei para onde, e também dizem que nem ele o sabe, posto que a nova hé primeira molres por onde parece que declina aliamse o Imperador tornar a Flandes. O senhor dom Francisco o seguirá; queira Deus dar-lhe algum repouzo para que o tenhamos todos. Se porventura o senhor Marquês⁹⁴ vir esta carta esconda-lhe Vossa Senhoria o latim⁹⁵, não me tenha em má conta ou diga-lhe que os de quã [*letras tachadas*]:

87. *Qui superos vincit foemina mingite acute*: ou *Qui superos vincit? Foemina (mingit acute)*: quem supera aos deuses? A mulher (escapa-se-lhe engenhosamente).

88. *Apocolo xx calitero*: não lográmos decifrar estas letras.

89. *Jmme semper matabilis*: ou melhor *In me semper mutabilis*: em mim sempre mudável.

90. Veja-se aquilo que recolhe Georges GUIFFREY, *Chronique*, 376: «puis estoit ung lieu fort long et large pour courir la lance et se battre à l'espée, fait à la manière d'ung champ de guerre, lequel estoit gardé par ses archiers, et au dedans estoit une fontaine qui rendoit fort bon vin, et estoient gens autour avec grands coupes et tasses d'argent, qui le distribuoyent à ceulx qui avoyent soif».

91. Alphonse de (Baron de) RUBLE, *Mariage*, 119: «Les danses furent interrompues par une série de *momerics*, mascarades conduites par des seigneurs déguisés, plusieurs de la façon la plus inattendue. La première *momerie* se composait de seigneurs vêtus en crieurs d'oublies; ceux de la seconde portaient des horloges et des ailes; on vit successivement des rabin, des Turcs, des autruches, des Cordeliers, etc. L'entrée de chaque nouvelle recrue de danseurs renouvait le bal qui se prolongea fort avant dans la nuit». Segundo Georges GUIFFREY, *Chronique*, 372: houve até nove momos.

92. Segundo Georges GUIFFREY, *Chronique*, 374, nota 2: «Voy. *Archives de l'Empire*. Comptes de l'argenterie KK, f^o 92, on trouve une somme de 2500 livres tournois pour la parure et l'habillement des chevaliers qui figurèrent à ce tournoi». Como se pode ver as despesas foram enormes.

93. *Amboise*. Refere-se à chegada a esta localidade do Duque de Clèves no dia 5 de Maio de 1541, quando se dispunha a casar com a jovem Jeanne d'Albret.

94. Faz referência ao segundo Marquês de Vila Real, Fernão de Menezes, irmão do Conde de Linhares António de Noronha, a quem vai dirigida a missiva. A filha do marquês era Leonor de Noronha, discípula predilecta de Cataldo Sículo e uma das latinistas mais destacadas da sua época, daí este irónico comentário.

95. Parece fazer alusão aos seus deficientes conhecimentos da língua latina e que manifesta nas divisas dos cavaleiros

ainda que haya paris, na terra se escreve deferente da nossa. Nosso Senhor acrescente vida e estado de Vossa Senhoria e da senhora Condeça⁹⁶ <que> com largos anos, como me parece que será mais do que eu poso dezeyar. Do castelo de Jorges⁹⁷ a 27 de Junho <de> de 1554⁹⁸.

Bibliografia

- ALMEIDA, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e, «Morais (Francisco de)», em *Biblos. Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1997, pp. 926-930.
- ANSELME DE SAINTE MARIE, Pierre de Guibours (em religião o P. Anselme), *Le Palais de l'Honneur, contenant les généalogies historiques des illustres maisons de Lorraine et de Savoye et de plusieurs nobles familles de France*, Paris, E. Loyson, 1663, p. 260.
- _____, *Histoire généalogique et chronologique de la maison royale de France, des pairs, grands officiers de la couronne & de la maison du roy*, Continuée par M. du Fourny, Paris, Par la Compagnie des Libraires, 9 vols. Vol. 1, Chap. XX, pp. 569-701; Tomo VII, 1733, «Généalogie de la maison de Montbéron», 1726-33, pp. 16-30.
- BAINTON, Roland Herbert, *Women of the Reformation in France and England*, Minneapolis, Augsburg Pub. House, 1973.
- BARRETO, João Franco, *Bibliotheca Lusitana*, Cópia manuscrita da Biblioteca Nacional de Lisboa, B 1206-1211, vol. III, fols. 475r-476v.
- BILLION, François de, *Le Fort Inexpugnable de l'Honneur du Sexe Fémenin*, Paris, chez Ian d'Allyer, 1555, p. 73.
- BORDENAVE, Nicolas de, *Histoire de Béarn et Navarre*, Paris, Renouard, édition de la Société de l'Histoire de France, 1873, p. 39.
- BRAGA, Teófilo, «Reivindicação do Palmeirim de Inglaterra», em *Questões de literatura e arte portuguesa*, Lisboa, A. J. P. Lopes, 1881, pp. 248-58.
- BRYSON, David, *Queen Jeanne and the Promised Land: dynasty, homeland, religion and violence in sixteenth-century France*, Leiden, Boston, Brill, 1999.
- CÁTEDRA, Pedro M., «Fiestas caballerescas en tiempos de Carlos V», en *La fiesta en la Europa de Carlos V*, Real Alcázar Sevilla, 19 de septiembre-26 de noviembre 2000, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, pp. 93-117.
- COSTA, J. da Providência, *Catálogo de manuscritos (códices 556 a 630)*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, *Boletim da Biblioteca da Universidade* (Suplemento ao vol. XII), 1935.
- DÍAZ DE BENJUMEA, Nicolás, *Discurso sobre el Palmerín de Inglaterra y su verdadero autor*, Lisboa, Imprensa de la Real Academia de Ciencias, 1876.
- FARINHA, Bento José de Sousa, *Sumário da Biblioteca Lusitana*, Lisboa, Of. de António Gomez, 4 vols. Vol. 4, 1786-88, p. 130.
- FAVYN, André, *Histoire de Navarre, contenant l'origine, les vies et conquestes de ses roys*, Paris, L. Sonnius, 1612.
- FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Manuel, *Carlos V, el César y el Hombre*, Madrid, Círculo de Lectores, 2001, pp. 623-662.
- GOWER, Ronald, *Three hundred French Portraits*, London, S. Low, 1875. 2 vols.
- GUIFFREY, Georges, *Chronique du roy François premier*, Paris, 1860, pp. 362-392.
- GUIFFREY, Jules, *Comptes des Bâtimens du roi sous le règne de Louis XIV*, Paris, Imprimerie Nationale, 1881-1891. 5 vols.
- HAAG, Eugène, *La France protestante*, Paris, Fischbacher, 1876.
- JACQUART, Jean, *François Ier*, Paris, Fayard, 2003.
- KNECHT, Robert Jean y Hersant, Patrick, *Un prince de la Renaissance: François Ier et son royaume*, 1998.

que participam nas festas do casamento, algumas delas algo incongruentes. Embora seja possível que essa incongruência seja consequência da transmissão manuscrita.

96. A Condessa de Linhares era Joana da Silva e Aiala.

97. Não conseguimos situar este castelo, embora creíamos que ficaria perto de Melun.

98. Esta data aparece errada, já que Francisco de Moraes narra feitos acontecidos em 1541. O ano «1554» é a data provável de uma das cópias deste documento. Dessa cópia fez-se, ao menos, a presente conservada na *Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, ms. 566.

- LUCÍA MEGÍAS, José Manuel, *Imprenta y Libros de Cavallerías*, Madrid, Ollero & Ramos, 2000.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana historica, critica e chronologica, etc., Lisboa Occidental, 1741-1759*, 4 vols. Coimbra, Atlântida Editora, 1965, vol. II, p. 209.
- MAGNIEN, Cathérine (ed.): *Les Amadis en France au XVI siècle*, Éditions de l'École Normale Supérieure de la rue d'Ulm, Impr. France Quercy, 2000.
- MIGUEL, António Dias, *Un inédit attribué à Francisco de Moraes: les «Exequias de Francisco de Valois... rey de França»*, Lisboa, Livraria Bertrand. Tomado do *Bulletin des Études Portugaises*, tome XVIII, 1955.
- _____. «Carta que Francisco de Moraes enviou à Rainha de França em que lhe escreve os torneos, e festa que se fes em Xabregas era/ de 155...», *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, vol. XXXVII, Paris, 1998, pp. 127-154.
- MURET, Théodore, *Histoire de Jeanne d'Albret Reine de Navarre, précédé d'une étude sur Marguerite de Valois sa Mère*, Paris, Grassard, 1861.
- OLHAGARAY, Pierre, *Histoire des comtés de Foix, Béarn et Navarre, diligemment recueillie, tant de précédens historiens que des archives desdites maisons, en laquelle est exactement monstrée l'origine, accroissemens, alliances... d'icelles, jusques à Henry III, roy de France... par...*, Paris, chez David Douceur, 1609.
- PARADIN, *Histoire de nostre Temps*, Lyon, 1550, p. 119.
- _____. *Histoire de nostre Temps*, Paris, Jean Ruelle, 1568, pp. 381-383.
- PURSER, William Edward, *Palmerin of England. Some remarks on this Romance and on the controversy concerning its authorship*, Dublin, Browne and Nolan, Limited, 1904.
- RÍO NOGUERAS, Alberto del, «Sobre magia y otros espectáculos cortesianos en los libros de caballerías», en Juan Paredes (ed.), *Medioevo y Literatura. Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Granada, 27 septiembre-1 octubre 1993)*, Granada, Universidad, vol. IV, 1995, pp. 137-149.
- ROCHAMBEAU, Achille-Lacroix (Marquis de Vimeur de), «Lettres d'Antoine de Bourbon et de Jehanne d'Albret», em *Société de l'histoire de France*, Paris, H. Loones, 1877.
- ROELKER, Nancy Lyman, *Queen of Navarre Jeanne d'Albret 1528-1572*, Cambridge (Massachusetts), The Belknap Press of Harvard University Press, 1968.
- ROUBAUD-BÉNICHOU, Sylvia, «Les fêtes dans les romans de chevalerie espagnols», em *Les fêtes de la Renaissance (III), XVe, Colloque international d'Études Humanistes (Tours, juillet, 1972)*, Paris, C.N.R.S., 1975.
- _____. «Juego combinatorio y ficción caballeresca: un episodio del *Palmerín de Inglaterra*», *Nueva Revista de Filología Hispánica (Homenaje a Raimundo Lida)*, XXIV (1978), pp. 178-196.
- _____. *Le roman de chevalerie en Espagne. Entre Arthur et Don Quichotte (Survivances médiévales et renouvellements)*, Tese de Estado dirigida por Jean-Claude Chevalier e lida no 9 de Janeiro de 1997 na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV), Paris, Champion, 2000. Publicada com o mesmo nome em: Paris, Honoré-Champion, 2000, pp. 195-212.
- RUBLE, Alphonse de (Baron de), *Le mariage de Jeanne d'Albret*, Paris, Nogent-le-Rotou, J. a cargo de G. Daupeley, 1877.
- RUIZ DOMÉNECH, J. E., «El torneo como espectáculo en la España de los siglos XV-XVI», en *La civiltà del torneo (sec. XII-XVII). Giostre e tornei tra Medioevo ed Età Moderna. Atti del VII Convegno di Studio*, Narni, Centro di Studi Storici, 1990, pp. 159-194.
- SABUGOSA, Conde de, *Neves de Antanho*, Lisboa, Portugália Editora, 1919, pp. 123-149.
- SARAIVA, José Hermano, *A vida ignorada de Camões (Apêndice)*, ¿Lisboa?, Publicações Europa-América, Abril, 1978, pp. 113-118.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Portugal en el mundo. Un itinerario de dimensión universal*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992.
- SIMONDI, Sismonde de, *Histoire des Français*, Paris, Treuttel et Wurtz, 1821, XVII, 78.
- VAUVILLIERS, Mlle., *Histoire de Jeanne d'Albret, Reine de Navarre*, Paris, J. Janet, 1818, 3 vols. Vol. 1, pp. 13-16.
- VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio, (ed.) *Palmerín de Inglaterra (Libro D)*, de Francisco de Moraes, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006.
- _____. «Libros de caballerías portuguesas», en *Gran Enciclopedia Cervantina*, Carlos Alvar (dir.), Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos-Editorial Castalia, 2006. No prelo.
- _____. «*Palmerín de Inglaterra*», en *Gran Enciclopedia Cervantina*, Carlos Alvar (dir.), Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos-Editorial Castalia, 2006. No prelo.

